

L. C. Ruskmaaker
Dec. 1992

**PEGADAS
NA TORRE**



Mosteiro dos Jerónimos
e Torre de Belém

Banco Comercial Português
Inovação e Personalização

AIOIP
ASSOCIAÇÃO DA INDÚSTRIA
CERVEJEIRA PORTUGUESA

Bristol-Myers Squibb

**Deloitte Ross
Tohmatsu**

FEC & FAR
FABRIL DE ENXOFRES E CEMENTOS DE PORTUGAL, S.A.

FOC
INDÚSTRIA DE MOBILIÁRIOS E EQUIPAMENTOS, S.A.

Renova
Fábrica de Papel do Almonda, S.A.

**SCOTTISH
UNION**
COMPANHIA SEGUROS DE VIDA, S.A.

ÍNDICE

Agradecimentos.....	4
Ficha Técnica.....	5
Apresentação.....	7
Textos de Abertura.....	8
- A Saga dos Rinocerontes <i>J.A. Travassos Santos Dias</i>	18
- Rinocerontes..... <i>Miguel Telles Antunes</i>	22
- O Chifre de Rinoceronte na Medicina Tradicional Chinesa..... <i>Ana Maria Amaro</i>	26
- Rinoceronte - Um desafio à Conservação..... <i>Alberto de Caires Vila Nova</i>	30
- O Rinoceronte e outra fauna no Jardim Zoológico de Lisboa..... <i>Fernando Paisana</i>	34
- O Rinoceronte no Imaginário Ocidental..... <i>Ana Anjos Mântua</i>	38
- Terra de Rinocerontes, Terra de Homens..... <i>José Fialho e A. Lino Rodrigo</i>	43
Legendas das Fotografias dos Textos de Abertura.....	
Núcleo I - A Alma do meu País teve o tamanho do Mundo. Da minha língua vê-se o Mar.....	44 56
Núcleo II - Arte e Saberes - O Avanço Português.....	70
Núcleo III - Penetração do Saber Português na Europa Pós-Gaia.....	80
Núcleo IV - Permanência do Rinoceronte no Tempo.....	96
Núcleo V - A Persistência do Mito.....	108
Núcleo VI - O Rinoceronte no Mundo.....	138
Núcleo VII - África - Ocupação efectiva e depredação do ambiente.....	162
Núcleo VIII - O Ambiente e a Preservação do Rinoceronte.....	219
Bibliografia.....	

AGRADECIMENTOS

Esta Exposição contou com o interesse e participação de Samuel Aço, Victor Cor-te, Mário Varela Soares, Carlos Veríssimo, Nuno Vassallo e Silva, Anísto Franco, An-tónio Borges Coelho, Eduardo Nunes de Carvalho, Gil de Cantos, Albano Pereira, Maria de Lurdes Albuquerque, Artur Azevedo.

Para além das pessoas indicadas na ficha técnica e de todo o pessoal do Mostei-ro dos Jerónimos/Torre de Belém que se envolveu em todo o processo, esta Expo-sição contou, igualmente, com o apoio das seguintes Instituições:

- Ministério dos Negócios Estrangeiros
 - Gabinete de África Subsahariana
- Ministério do Ambiente
 - Serviço Nacional de Parques e Reservas - CITES.
- Embaixada da República da África do Sul.
- Embaixada do Japão
- Embaixada da República Democrática e Popu-lar da Argélia.
- Embaixada da Suíça.
- Embaixada do Paquistão
- Embaixada da Índia.
- Embaixada da República do Zaire.
- Embaixada da República da Coreia.
- Embaixada da República Federal da Nigéria
- Embaixada da República Árabe do Egipto.
- Embaixada da República Popular da China.
- Embaixada da República Popular de Angola.
- Embaixada da República Popular de Mo-zambique.
- Direcção do Património Nacional de Angola.
- Albertina Museum.
- Museu Nacional de Arte Antiga.
- Museu Nacional Machado de Castro
- Museu de Marinha.
- British Museum.
- Musee en Herce.
- Musée d'Orsay.
- Palácio Nacional da Ajuda.
- Biblioteca Nacional de Lisboa
- Biblioteca da Ajuda.
- Biblioteca Central de Marinha
- Bibliothek National de Paris.
- Bibliotheca Colombiana
- Shōsō - In Treasure House.
- Christie's London
- Christie's New York.
- Academia das Ciências
- Arquivo Nacional da Torre do Tombo
- Arquivo Nacional de Fotografia
- Comissão Nacional para as Comemorações das Descobrimentos Portugueses.
- Universidade Nova de Lisboa
 - Instituto de Ciência e Tecnologia.
- Instituto de Investigação Científica Tropical
 - Arquivo Histórico (Ultramarino).
 - Centro de Zoologia
 - Jardim Agrícola Tropical.
- Instituto Hidrográfico
- Sociedade de Geografia.
- Instituto de Ciências Sociais e Políticas
- IADE - Instituto de Artes Decorativas
- ARCO - Centro de Arte e Comunicação Visual.
- Escola António Arroio.
- Círculo de Leitores
- Editora Abnl Morumbi
- União de Bancos Portugueses
- Banco Nacional Ultramarino.

Os objectos de colecções particulares são apresentados sem a personalização do proprietário.

A estes elementos anónimos fica expresso o nosso agradecimento, pois muito contribuíram, de uma forma empenhada, para que esta Exposição seja uma reali-dade em 1992.

FICHA TÉCNICA

CONCEPÇÃO - Isabel Cruz Almeida e A. Lino Rodrigo.

INVESTIGAÇÃO - Jaime Travassos Dias, Miguel Telles Antunes, José Fialho, Ana Maria Amaro, Alberto Caires Vilanova, Gracieta Ramos, Fernando Paisana, Nuno Rubim, Isabel Cruz Almeida, Ana Anjos Mântua, Sílvia Coelho de Mendonça e A. Lino Rodrigo.

CATALOGAÇÃO - Isabel Cruz Almeida, Ana Anjos Mântua, Sílvia Coelho de Mendonça.

EXPOSIÇÃO

Arquitectura e Design - Desenho Português: Carlos Tamm, Isabel Rosa, Pedro Par-tidário, António Nunes Pereira e Teresa Belmonte Travassos.

Montagem - IOM/SONEXPO - Luís Rodrigues, José Bagulho, Amélia Godinho, Ana Reixa, João Pedro Andrade, Armindo Costa e José Miguel Santos.

Fotocomposição e Impressão - CROMO - IMPRE -- FOTO INDUSTRIAL.

Fotografia - Diogo Lopes de Saldanha.

Tradução - British Council Lisbon - Publications and Research Unit

Secretariado - Anabela Madruga, Fernanda Mateus.

Video - National Geographic Video - Lusomundo - METAL BOX SOUTH AFRICA - Cedidos pela Embaixada da República da África do Sul.

Extensão Educativa - Graça Maria Marcelino, Maria João Burnay e Lurdes Fernandes.

Relações Públicas - Fernando Cabrita, Tito Seixas.

SEGUROS - Scottish Union Portugal.

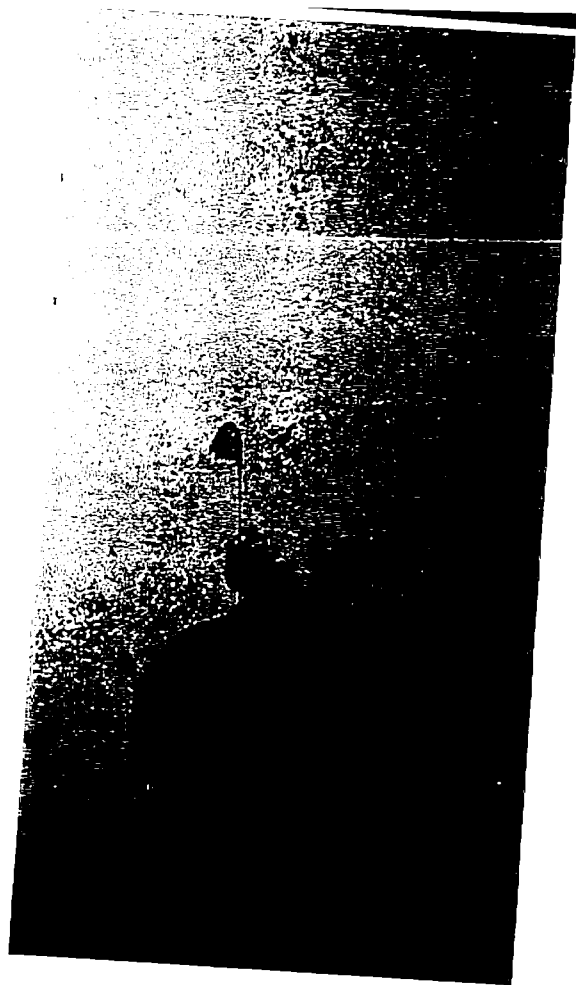
COSULTORIA JURÍDICA - Rosa Videira.

CATÁLOGO, CARTAZ E MATERIAL IMPRESSO

Design - Desenho Português: Carlos Tamm, Isabel Rosa, Pedro Partidário, António Nunes Pereira e Teresa Belmonte Travassos

Fotografia - Diogo Lopes de Saldanha.

Fotocomposição, Montagem e Impressão - Louré, Eugénio & Moraes, Lda. Nelson Louré, Ribeiro Moraes, Rui Amaral, António Dias e Paulo Sereno.



Portugal assume a presidência da C. E. E. num momento histórico de grandes esperanças, mas simultaneamente de grandes tensões e violências que se reflectem no Homem e na Natureza.

Interiorizando estas realidades que pedem soluções inadiáveis, a presente Exposição inaugurada simbolicamente na Torre de Belém, no início de 1992, dando voz a vários campos do saber, assume um inequívoco cunho de intervenção.

Muito virada para a preservação da Natureza, ela elege como ponte museológica ao diverso acervo apresentado, a escultura quinhentista do Rinoceronte na Torre de Belém -- Património Mundial da Unesco e, testemunho privilegiado dos pioneiros contactos de cultura entre Portugal, o Homem e a Terra de outras Latitudes.

Bem ao jeito universalista português, ou seja, assumindo-se como instrumento de Identidade e como factor de aproximação entre os Povos, sobretudo com quem temos tido seculares e profundas relações, a presente Exposição ultrapassa a dimensão nacional e europeia, vai mais além, zarpa do Tejo, "navega" por África e chega ao Oriente.

A DIRECTORA

Isabel Cruz Almeida



LEGENDAS DAS FOTOGRAFIAS DOS TEXTOS DE ABERTURA

- pág. 6 *Ceratotherium simum*
Fotografia de Earyl e Sharna Balfour.
África do Sul.
- pág. 9 Fotografia de Brooke Chilver.
África do Sul.
- pág. 19 Fotografia de Henri Lhoté.
Algeria.
- pág. 23 Fotografia de Bert Wood House.
África do Sul.
- pág. 27 Fotografia de Frans Hartmann.
África do Sul.
- pág. 31 *Ceratotherium simum*
Fotografia de Daryl e Sharna Balfour.
África do Sul.
- pág. 35 Fotografia da British Library.
- pág. 39 Fotografia de Bert Wood House.
África do Sul.
- pág. 42 Desenho de Clive Walker.
África do Sul.



NÚCLEO I

A ALMA DO MEU PAIS TEVE O TAMANHO DO MUNDO. DA MINHA LÍNGUA VÊ-SE O MAR

Desde Aljubarrota, 1385, que viradas as costas para Castela, um novo grupo social emergente e dinâmico se afirmava com interesses diferenciados da velha nobreza fundiária.

Ao Mar desconhecido voltam-se os anseios, saberes e vontades dos Portugueses, buscando aí uma componente indispensável de manutenção da sua Identidade e da sua Independência. Conquistava-se o Mar e ganhava-se a Pátria.

No mar largo avançavam os Portugueses, com esforço, e arribavam a novos arquipélagos e novos Continentes.

Guiava-os a Fé, sem dúvida, mas com eles seguiam os mapas, as cartas, os portulanos, as cartas de marear, os astrolabios e os quadrantes.

Regressavam quando o risco o permitia, e com eles vinha o alargamento do conhecimento a nível dos vários campos do saber.

Ensinaram depois a Europa a navegar e inundaram o velho Continente de muitos produtos novos e de relatos de terras distantes.

A penetração pioneira desse saber português no Continente Europeu foi há cerca de cinco séculos. "quando a alma do meu país teve o tamanho do mundo".

Ela é. Hoje um dos mais poderosos capitais da Memória Colectiva, e é-o, simultaneamente dumia Europa que se deseja mais diversa e coesa.



01 - Iluminura. Panorama de Lisboa. Torre de Belém. Mosteiro dos Jerónimos. Tejo e Barcos. Esta iluminura pode ser considerada a mais antiga representação da Torre de Belém.

Genealogia do Príncipe D. Fernando,
Simão Beating e Antonio de Holanda, 1530 - 1534.

British Library, Londres.

NAVEGAÇÃO POR RUMO E ESTIMA

Empregue na 1.^a fase dos Descobrimentos, utilizando técnicas já há bastante tempo em vigor no Mediterrâneo, este processo, adequado à navegação sobretudo nos teira, consistia em se determinar o Rumo pela utilização da bússula e a distância (em léguas ou milhas) percorrida num determinado espaço de tempo (SINGRADURA), por estimativa do piloto, obtendo-se assim pontos a marcar na carta, designados por pontos de fantasia que, teoricamente, indicariam as sucessivas posições do navio na sua rota.

Na fig. 1 estão marcados os sucessivos pontos de fantasia (a, b, c, e, o último corresponderia à Ilha da Madeira). Naturalmente que, devido a correntes e a deficiências na leitura dos rumos na bússula, o trajecto seria diferente do assinalado e verificar-se iam, frequentes erros apreciáveis na navegação.

NAVEGAÇÃO ASTRONÓMICA

A partir da necessidade, surgida nas navegações de e para o Atlântico Sul, de se seguir pelo trajecto designado por "volta da Mina ou da Guiné", longe das costas, por espaço de tempo apreciável, devido ao regime de ventos e de correntes, adoptou-se a técnica de navegar astronómicamente, baseada em princípios teóricos e práticos já enunciados.

Neste tipo de navegação o principal elemento era o de ir determinando a posição, em latitude, do navio ao longo da viagem, segundo o rumo escolhido e marcando essa posição na carta de marear. Esta determinação era efectuada no final de cada singradura e o ponto de esquadria marcado na intersecção do rumo marcado com o paralelo alcançado. Na fig. 2 estão assinalados esses pontos (a', b', c' e a Madeira).

Este processo permitia ainda determinar o valor da distância percorrida entre os paralelos (na fig. 2: y) de partida e chegada, já que bastava multiplicar o valor angular (diferença das latitudes) pelo valor de um grau em léguas (em Portugal este valor, difícil de determinar variou, mas Duarte Pacheco Pereira atribuiu-lhe 18 léguas ao grau, extraordinariamente aproximado ao valor modernamente aceite 18,75). No caso veriente teríamos:

$$y = (39,66 - 37,8) \cdot 18 \text{ léguas} = 33,48 \text{ léguas, aproximadamente } 198 \text{ km.}$$

ASPECTOS DA NÁUTICA DOS DESCOBRIMENTOS

Nos dois esquemas que se seguem, para melhor explicar as navegações na época dos Descobrimentos, parte-se de determinadas hipóteses explicativas no sentido de facilitar a sua compreensão.

Assim:

1.^o) É encetada uma viagem de Lisboa para a Ilha da Madeira,

2.^o) O rumo (magnético, naturalmente) foi considerado, em aproximação, ser SO (Sudoeste), já que o problema da declinação magnética só tardiamente se tornou aparente. Admite-se pois que, na carta de marear do piloto, a Madeira estivesse segundo esse rumo, estado o centro da rosa dos ventos principal colocado em Lisboa.

3.^o) Admite-se que a duração da viagem correspondesse, para simplificar, a 4 singraduras (cada singradura correspondia ao período de 24 horas durante as quais o navio, teoricamente, navegava segundo rumo constante e findo o qual se procedia à marcação dos pontos de fantasia ou de esquadria na carta de marear).

No caso da navegação astronómica o fim de cada singradura correspondia ao momento em que se procedia à determinação da altura do astro que tinha sido escolhido - inicialmente a Estrela Polar (Hemistério Norte), depois o Sol, Cruzeiro do Sul (Hemistério Sul) e eventualmente outros, podendo-se até utilizá-los como meios complementares uns dos outros.

MEDIÇÃO DA ALTURA DE UM ASTRO COM O QUADRANTE

A altura de um astro correspondente ao arco de meridiano compreendido entre o horizonte verdadeiro e o astro. Em medidas angulares e pois igual, num determinado lugar, ao ângulo formado por duas rectas partindo desse mesmo lugar, uma dirigida ao horizonte e outra ao astro considerado.

Os instrumentos utilizados na nossa náutica dos Séculos XV e XVI, adaptados de outros já anteriormente usados na astronomia (cosmografia), foram o quadrante, o astrolábio e a balestilha.

O quadrante, fig. 0+1, possivelmente o primeiro a ser utilizado, era construído por um sector de círculo, em que os raios eram perpendiculares entre si. O arco era graduado de 0 a 90 graus. Do vertice partia uma alidade, cordão com um peso na extremidade. Para se medir a altura, visava-se o astro por duas pinulas perfuradas, e media-se o ângulo, directamente, na posição em que a alidade interceptava o sector.

A fig. 4 demonstra que esse valor B, medido no sector correspondia à altura do astro C.

A fig. 0+2 mostra como se efectuava a leitura para uma estrela e para o Sol.

DETERMINAÇÃO DA LATITUDE GEOGRÁFICA

1 — Pela estrela polar (Ursa Menor).

Sabendo-se que a latitude geográfica é, em cada lugar, igual à altura do polo aparente sobre o horizonte bastaria, para obter a latitude, medir a altura da estrela

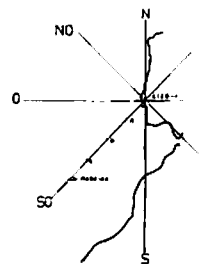
polar, se ela ocupasse verdadeiramente o polo aparente. Porém descrevendo ela uma circunferência à volta do polo, de raio igual à distância angular de 5,5 graus (segunda metade do séc. XVI), tornava-se necessário introduzir essa correção. A náutica portuguesa desenvolveu técnicas que permitiram calcular as correções, não só para uma posição da polar, mas para oito posições, que englobavam todo o seu percurso à volta do polo, possibilitando praticamente leituras da sua altura a qualquer hora.

(Regimento da Estrela do Norte).

2 — Pelo sol.

A determinação da altura do polo ao meio dia era um processo mais complicado, posto que necessitava de se saber a declinação do sol em cada dia (declinação é o arco do meridiano do astro compreendido entre este e o equador celeste). A partir da leitura da altura do sol, quando da sua passagem no meridiano local, calculava-se a latitude entrando em linha de conta com a declinação solar nesse dia. Os portugueses aperfeiçoaram estes conhecimentos nas célebres Tábuas do Sol e no Regimento da altura do polo a qualquer hora do dia, este último enunciado por Pedro Nunes. (Fig. 6)

NAVEGACÃO por RUMO e ESTIMA

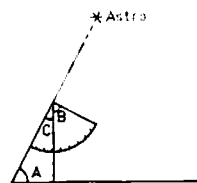


Rumo - pela bússola
Distância - por estima

A.B.C., pontos de navegação
y del curso por estima

Fig. 1

Medição da ALTURA de um Astro com o Quadrante



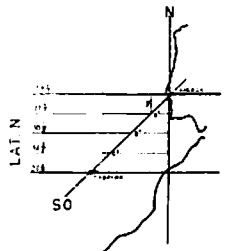
$C + A = 90^\circ = 180^\circ$, logo
 $C = 180 - 90 - A = 90 - A$

$B + C = 90^\circ$, logo
 $C = 90 - B$
portanto
 $90 - A = 90 - B$

donde
A = B

Fig. 2

NAVEGACÃO ASTRONÓMICA

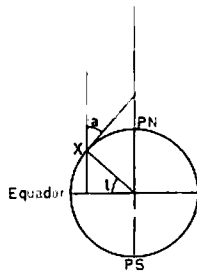


Rumo - pela bússola
Latitude - por alturas
astrais corrigidas ou
alt / declin solar

A.B.C., pontos de navegação
y del curso por estima

Fig. 3

Determinação da Latitude geográfica



a - altura do polo
l - latitude

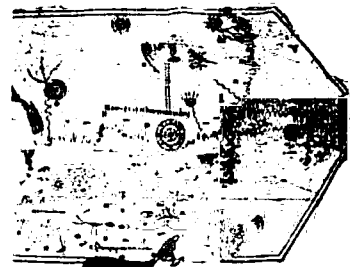
a = l

Fig. 4

02 — Planisfério de Jorge de Aguiar, 1492.

Benecke Rare Books and Manuscript Library, Yale
Portuguese Monumental Cartography

Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Lisboa, 1987



03 — Globo Terrestre de Martin Behaim, c. 1492.

Germanisches Museum, Nuremberga
Réplica em madeira

φ 470 mm

Museu de Marinha, Lisboa



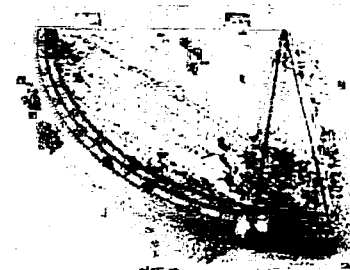
04 — Quadrante, séc. XVI.

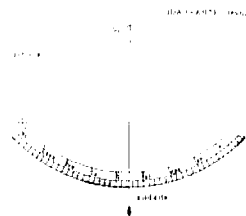
Réplica em madeira

Alt. 220 mm

Larg. 220 mm

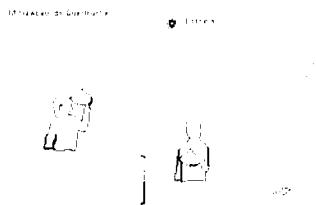
Museu de Marinha, Lisboa





04.1 — Quadrante.

Desenho de Nuno Rubim, Lisboa, 1991.



04.2 — Descrição de como era utilizado o quadrante.

Desenho de Nuno Rubim, Lisboa, 1991.



05 — Astrolábio, (Madre Deus), séc. XVI

Replica em metal

φ 190 mm

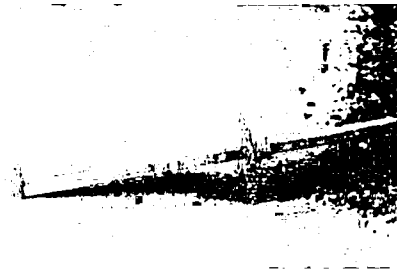
Museu de Marinha, Lisboa

06 — Balestilha, séc. XVI.

Replica em madeira.

Comp. 800 mm

Museu de Marinha, Lisboa



07 — Planisferio "Cantino".

Anonimo, 1502.

Biblioteca Estense, Modena.

Portugaliae Monumenta Cartographica.

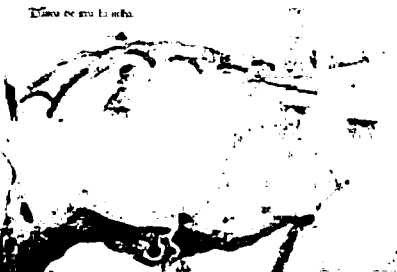
Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Lisboa, 1987.

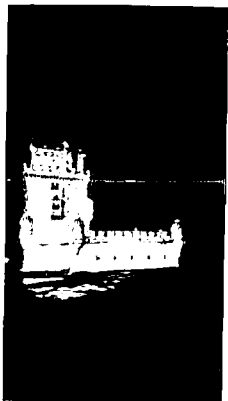


08 — Roteiros. Tibua de Goa a Velha.

"Roteiro de Lisboa a Goa", D. João de Castro, 1538.

Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora.





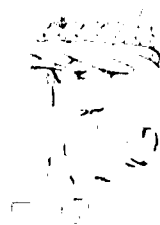
09 — Torre de Belém



09.1 - Torre de Belém

Levantamento fotogramétrico.

Estercofoto



10 — Rinoceronte e cupido existente na base de umi guarita virada a Ocidente da Torre de Belém

Levantamento fotogramétrico.

Estercofoto



11 — Rinoceronte esculpido existente na base de guarita virada a Ocidente da Torre de Belém. Considerado como a primeira escultura de um rinoceronte em toda a Europa



11.1 — Rinoceronte. Formenor da pata unguilada.

11.2 — Rinoceronte. Formenor da orelha.



11.3 — Rinoceronte. Formenor do corno.

01 – Rinoceronte visto por um português na Índia

era allimaria mansa, baixa, de corpo hum pouco compido, os coiros pes e maos d'alante; a cabeça como de porco, comprida, os olhos junto do focinho; e sobre as ventris tinha um cornu, grosso e curto, delgado na ponta. Comia erva, palha e outros cosido[1].

Letras de Francisco Raposo Cortes, 1515.
Arbore, 1888, p. 11.

02 – Ordem de Afonso de Albuquerque, sobre Oçem

A Francisco Corvindi, tenor de Goa e escriuaes da dita feitoria: O capitão geral vos manda que deis a Oçem, que vai com a gauda (1) a Portugal, um pardau e um vestido de panos, desses que tendes, dos quaes lhe faço merce em nome de el Rei nosso Senhor e por isto, com assento dos ditos escriuaes, vos sera levado em conta, feito em Goa aos 20 dias de Outubro, Fernao Moniz o fez de 1514. Afonso de Albuquerque.

1. Oçem, o que se chama a Índia.
Carta de Afonso de Albuquerque, VI, pag. 14.



NÚCLEO II
ARTE E SABERES — O AVANÇO PORTUGUÊS

udo começou aqui, junto ao rio, na Lisboa fervilhante e cosmopolita do séc. XVI. No cais, o movimento era intenso, os carregadores corriam em direcção aos barcos que tinham acabado de atracar. Algumas vezes, até o próprio Rei ali se deslocava para ser o primeiro a ver as preciosas cargas trazidas de além-mar. O deslumbrado e exótico arrebatava as multidões. Um dia, na primavera do ano de 1515, num desses barcos que chegavam ao porto, viu-se um animal que fez movimentar cortes inteiras: reis e príncipes, artistas e cronistas, enfim, fez vibrar toda a Europa. Tinha desembarcado um rinoceronte em Portugal.



01 — Rinoceronte e outros animais selvagens numa Iluminação que representa o Repouso durante a fuga para o Egipto.

Livro de Horas de D. João Manuel I, s. XVI

Museu Nacional de Arte Antiga, L. P. L.

06 — Rinoceronte, outros animais selvagens e Homens Silvestres.

Iluminação Genealógica do Príncipe Dom Fernando, 1530-1531, Simão Bening e António de Holanda

British Library, Londres



05 — Rinoceronte e outros animais selvagens numa Iluminação que representa São João Baptista.

Livro de Horas de Dom Manuel I, s. XVI

Museu Nacional de Arte Antiga, L. P. L.



03 — Rinoceronte. O Oriente. Atlas Miller de 1519.

Leop. Heilmann — Reiner, 1519

Bibliothèque Nationale de France

Arquivo Central do Conselho Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

072 — "(...) Destas duas allimarias quis el Rei Dom Emanuel ver por experiêcia a força, & manhas que cada huma dellas tinha em se defender, & cometer a outra (...), ordenou que as trouxessem a hum circuito, ou pateo cercado de paredes altas com ameas que naquelle tempo estava diante da casa da contractaçam da India, & guine, das quaes a primeira foi o Rhinocerota que assi como entrou o poderam detras de hus panos darmar que estavam pendurados em pasadiço que hia da sala del Rei pera da Ramha. isto porque o Elephante o nam visse ao entrar da porta, & logo dahi a hum pouco entrou o Elephante nas costas do qual os homens da guarda del Rei fecharam as portas do pateo (...)"

Damião de Góis
Cronica de Dom Manuel, Sec. XVI



DAMIÃO DE GÓIS
*Historia prima inventio de Rhinocero
quodam die in Africa
habita et locum ubi cum feris fessis
Astrucum accepit nomen de Thero.*

07 — Retrato de Damião de Góis, inserido na obra "Urbs Lovaniensis Obsidio" do mesmo autor, de 1546.

Albrecht Durer, sec. XVI.

Biblioteca Nacional de Lisboa

Fot. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.



071 — Retrato de Dom Manuel

Iluminura. Livro Navegação de Alem Douro, Sec. XVI

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa

Fot. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.

10 — Frontespício da Primeira Edição da *Ethiopia Oriental* Vária História de cousas Notáveis do Oriente, de Frei João dos Santos. Esta obra foi dedicada, pelo autor, a D. Duarte bisneto de D. Manuel em 20 de Março de 1609.

Fot. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobridores Portugueses.



10.1 — *Ethiopia Oriental*, Vária História de cousas notáveis do Oriente, Bibliotheca de clássicos Portuguezes, Livro.

Frei João dos Santos, Lisboa, 1891. Documentos Arábicos para a História Portuguesa.
Arquivo Histórico Ultramarino

10.2 — "(...) Em partes é deserta, áspera, e infructifera onde se criam muitas feras, como são leões, tigres, onças, ursos e muitos animais silvestres e bravos como são: elefantes, badas (2), bufalos, vacas bravas, que são muito semelhantes as mansas, veados, empophos, que são muito semelhantes a cavalos (...). (2) Bada ou abada era a designação vulgar que se dava naquela época ao rinoceronte africano.

Ethiopia Oriental Vária História de cousas notáveis do Oriente. Frei João dos Santos, 1608.
Bibliotheca de Clássicos Portuguezes, Lisboa 1891



08 — Rinoceronte numa representação de São Jerónimo penitente.

Autor desconhecido. Escola Portuguesa.
Sec. XVI.
Dim. 320 x 360 mm.
Col. Part.



09 — Rinoceronte fêmea enviada da "Etiopia" a El-rei D. Sebastião em 1577.

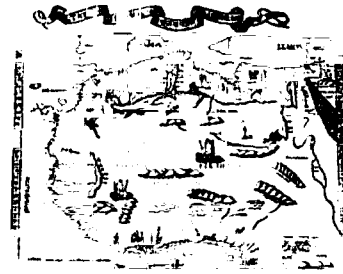
Ilustração retirada do "Sumário dos Reis de Portugal", da autoria provável de Pero André de Caminha de Caminha.

Col. Part.

09.1 — "(...) Tornando a este que tratamos é a fêmea e não é tão veloz como o macho e tem as orelhas mais compridas. Chamam-lhe na lingua da terra abada. É muito mansa e vagarosa. Come quanto lhe dão. Silicet. Palha cevada trigo e os mais legumes, será tamanha como um boi grande. Dizem que tem muita virtude para sarar gafos e que um negro que tinha cuidado dela que com o seu bafio por dormir a par dele que sarou e que o sangue aproveita para muitas enfermidades (...) Tem-na El-Rei em grande estima qui la aqui desenhar por ser cousa nova a nós e muito estranha e dar fim a este livro pois neste tempo veio".

"Sumário dos Reis de Portugal".
Autoria provável de Pero André de Caminha.
Lectura actualizada: António Borges Coelho

Col. Part.



14 Rhinoceronte na Tabua das Nvas Partes de Africa

Atlas de Martin Waldseemüller 1492
 LEYDEN
 G. J. F. U.



15 Dom Manuel representado cavalgando um grande peixe Tabua das Nvas Partes de Africa

Atlas de Martin Waldseemüller 1492
 LEYDEN
 G. J. F. U.



16 Rhinoceronte representado num mapa de Africa

Atlas de Martin Waldseemüller 1492



171 Rincronie num portenor de una colcha bordada Indo Portuguesa
s. XVIII
Museo Nacional de Arte Antigo Lisboa



172 Rincronie numa colcha bordada Indo Portuguesa
s. XVII
Museo Nacional de Arte Antigo Lisboa

19 — Carta escrita por Valentim (Fernandes) de Morávia, alemão, a um mercador de Nuremberga, Lisboa, 1515. O texto original perdeu-se, tendo-se salvo uma tradução em italiano que se encontra na Biblioteca Nazionale Centrale de Florença.

"Caríssimo irmão. Aos 20 deste mes de Maio, de 1515, chegou aqui a Lisboa, cidade nobilissima de toda a Lusitania, emporio no presente excelente, um animal chamado pelos gregos "rinoceros" e pelos indios "ganda", mandado pelo poderosissimo rei da cidade de Combaia da India, para presentear a este serenissimo Manuel, rei de Portugal (...)"

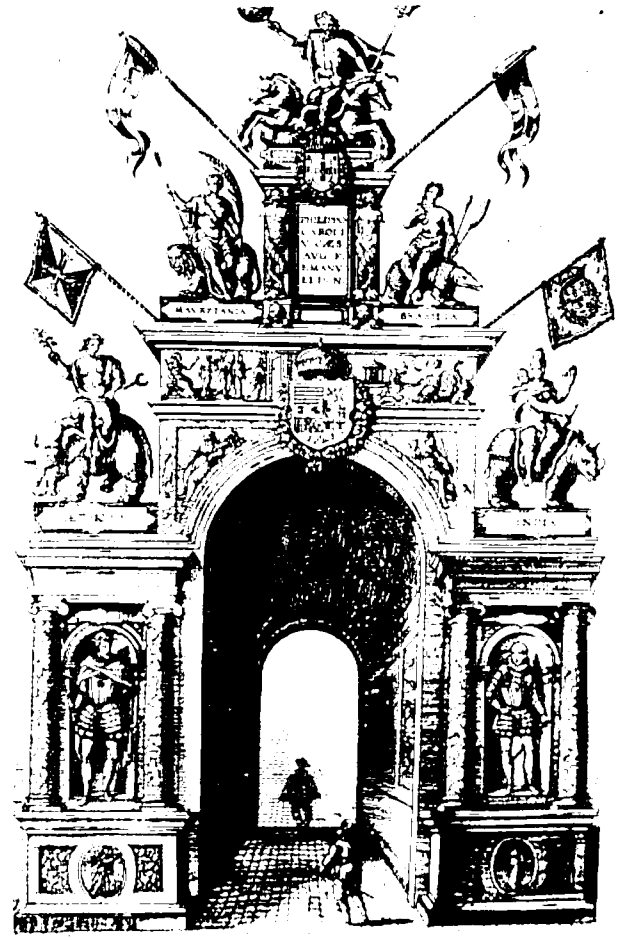
Decambulações da ganda de Modatar, Rei de Cambaia, de 1511 a 1516, de Fomoura da Costa
Divisão de Publicações e Biblioteca, Agência Geral das Colónias, Lisboa, 1957.



NÚCLEO III PENETRAÇÃO DO SABER PORTUGUÊS NA EUROPA PÓS-GAMA

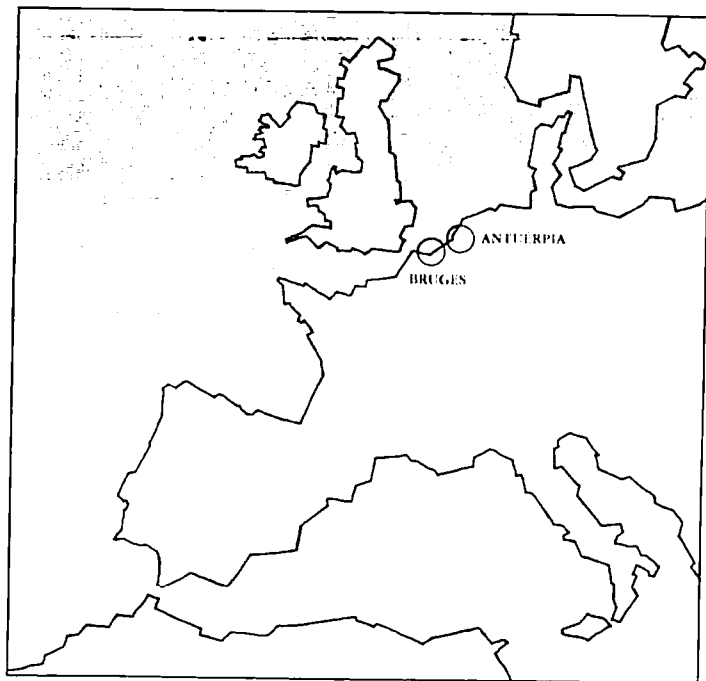
oda a Europa pretendeu ter a sua quota parte nos proveitos das recentes Grandes Navegações Marítimas Portuguesas. A febre do ouro, das sedas, da escravaria, das jóias, das especiarias, depressa se alastrou por todo o velho continente. Em todas as cortes europeias, o assunto da "moda" era os grandes comerciantes e banqueiros da Europa central e setentrional, mas esta corrente possuía também um sentido inverso devido à acção e posição privilegiada das tentorias portuguesas de Bruges e Antuérpia.

A Europa foi, então, invadida pela diversa e valiosa carga trazida pelas naus portuguesas, criando-se, assim, um novo gosto, um novo saber, um novo imaginário.



01 — Rinoceronte numa Alegoria ao Poder de Portugal nos Quatro Cantos do Mundo. Arco Triunfal dos Portugueses, 1593.

Pieter van der Borcht, Antuérpia, 1596
British Library, Londres



02 — Mapa das Feitorias Portuguesas na Flandres

03 — Os animais exóticos na obra de Dürer.

É Albrecht Dürer, no seu diário, quem nos fala das relações de amizade que mantinha com os leitores portugueses em Antuérpia. Em quase todas as páginas ele descreve os presentes que aqueles feitores lhe ofereciam: penas e panos de Calecut, açúcar em pães, vinhos portugueses, especiarias, drops medicinais, tintas do Oriente, sedas da Índia, bordados preciosos, madeiras exóticas e animais raros. Refere ainda e, com especial relevo, que à sua mulher foram oferecidos, entre outros preciosos presentes, dois papagaios.



03.1 — Papagaio numa gravura a buril de Albrecht Dürer que representa Adão e Eva.

SÉC. XVI

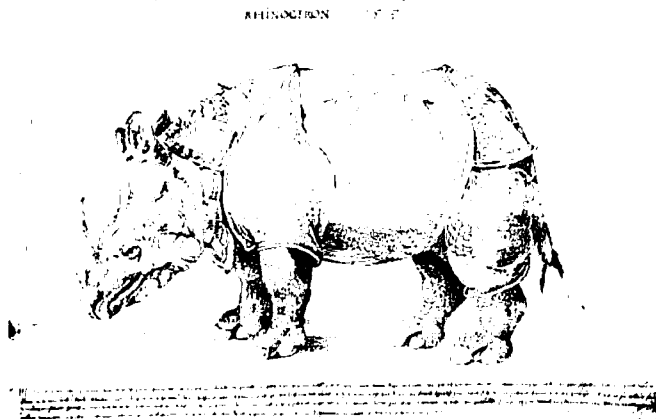
Col. Part.



03.2 — Macaco numa gravura a buril de Albrecht Dürer que representa a Virgem e o Menino.

SÉC. XVI

Col. Part.



04 — O Rinoceronte de Albrecht Dürer. Desenho preparatório, 1515.

"Em Maio do ano de 1515 (1), depois do nascimento de Cristo, trouxeram ao poderosíssimo Rei de Portugal, Manuel, em Lisboa, vindo da Índia um animal vivo chamado rinoceronte. Aqui se encontra desenhada toda a sua figura. Tem a cor duma tartaruga salpicada, é enormemente miassico e coberto de escamas. É do tamanho de um elefante, mas mais baixo, e muitíssimo capaz de se defender. Na parte anterior do focinho tem um corno aguçado e forte, que afia logo que se encontra ao pé de pedras. O abrutalhado animal é inimigo mortal do elefante, que lhe tem um medo tremendo. Quando se aproxima corre o animal metendo a cabeça entre as patas dianteiras do elefante, do que se não pode defender, por o animal estar tão bem armado que o elefante nada pode fazer, rasga e abre-lhe a barriga, dando cabo dele. Dizem também que o rinoceronte é lesto, alegre e manhoso".

(1) Esta data errada, provavelmente devido à difícil leitura de algum manuscrito, aparece já corrigida na xilogravura.

Tradução da legenda da xilogravura de Albrecht Dürer.

British Museum, Londres.

05 — Planisférico. Xilogravura de Albrecht Dürer, 1515.

Col. Part.



06 — O Rinoceronte de Albrecht Dürer, xilogravura, 1515.

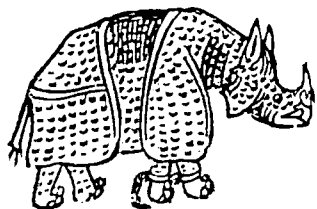
Gravura retirada do Album outora pertencente ao Rei Dom Carlos.

Col. Part.



07 — Descrição da Embaixada chefiada por Tristão da Cunha, que Dom Manuel enviou ao Papa Leão X, feita no séc. XIX pelo Conde Italiano Salvatore de Cutilis.

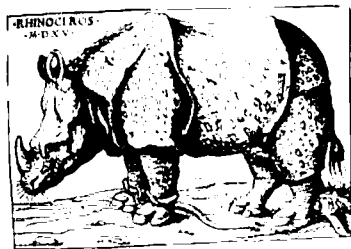
"(...) Era necessário preparar as oferendas, com as quais queria homenagear o Papa, entre as quais se contavam um elefante indiano, um rinoceronte, uma pantera e um soberbo cavalo persa, e ordenou que tudo fosse preparado com um aparato e um luxo dignos de um rei vitorioso e de um Papa tal como aquele que se sentava na altura, no trono pontifical(...)".



- 08 -- Rinoceronte. Frontespício da obra "Forma & natura & costumi de lo Rinocero, che stato condotto in portogallo dal Capitano de l'armata del Re & altre belle cose condutte dal le insule novamente trovate."

(Forma e natureza e hábitos do Rinoceronte, que foi conduzido a Portugal pelo capitão da armada do Rei e outras belas cousas trazidas das ilhas novamente encontradas)

Giovanni Giacomo Penni, Roma, 15 de Julho de 1515
Bibliotheca Colombiana, Sevilla



- 09 -- Rinoceronte. Xilografia.

Hans Burgsmair, 1515
Albertina, Vienna

Apesar da existência de algumas representações pontuais, de rinocerontes, mais ou menos naturalistas, a imagem criada por Durer prevaleceu. Provavelmente, nenhum outro desenho de animais exerceu uma influência tão profunda no campo das artes.



- 10 -- Rinoceronte num esboço para tapeçaria.

Torta sepa e aguada cinzenta
Hollandes, c. 1550
British Museum, Londres

- 11 -- Vana Commensuration para la escultura (...)

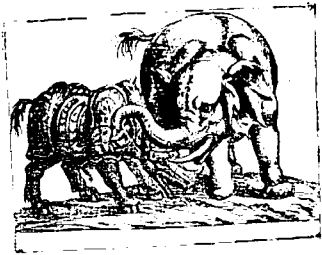
"Es el Rinoceronte animal fiero
Cuerpo grande, y de conchas guarnecido,
Tan recias, que resisten al azero,
De suerte que no puede ser herido.
Un cuerno en la nariz, ancho, y somero,
Con que ofende, y tambien es defendido,
Nada, y corre: veloz, y sueltamente,
Y nace este animal en el Oriente."

Juan d'Arphe, Madrid 1675
Biblioteca da Ajuda, Lisboa.

- 12 -- Veado, Rinoceronte e Vaca Marinha

Gravura a buril de Vermeulen, séc. XVII.
Proveniente da Biblioteca Nacional de Lisboa.
Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.





13 — Luta entre Rinoceronte e Elefante. Gravura a água-forte.

António Tempesta, 1605.

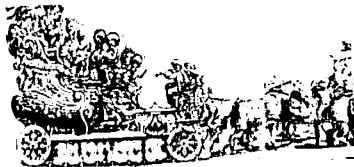
Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.



14 — Rinoceronte e Elefante. Esboço para um frontespício.

Desenho a pena sobre agenda cinzenta.
Francis Barlow, 1657.

British Museum.



15 — Rinoceronte numa Alegoria de África. Gravura realizada para celebrar o nascimento de um filho de Filipe IV de Espanha.

Nápoles, 1658.

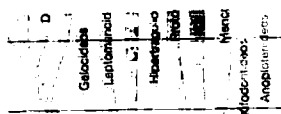
British Library, Londres.



16 — Rinoceronte indiano numa gravura que representa o Cabo da Boa Esperança.

Gravura extraída da obra "Neue Ost-Indiansche Reissenschriftung" de Albrecht Heipert.
Berna, 1669.

British Library, Londres.



NÚCLEO IV PERMANÊNCIA DO RINOCERONTE NO TEMPO

RUMINANTES TULÓI DEP JII

ARTIODÁCTILOS

permanece o Rinoceronte no tempo apesar do impacto que o Homem fez em abater sobre a Natureza.

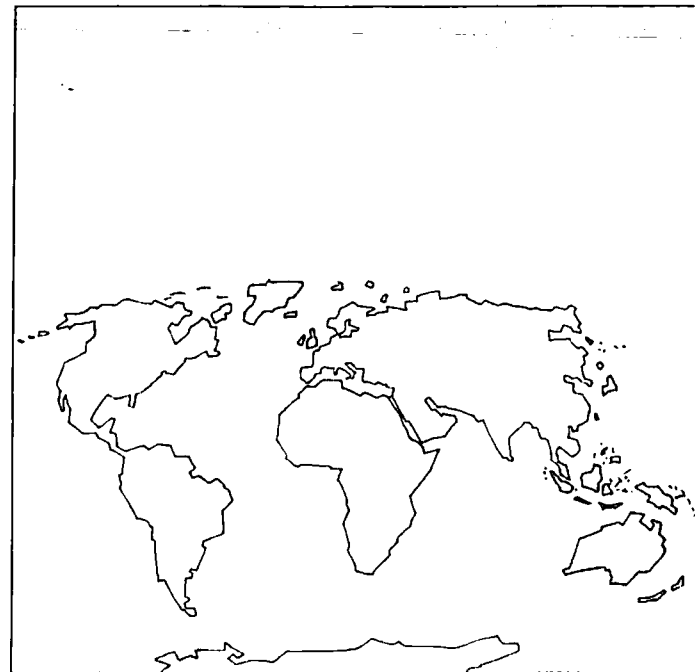
Extinto em grandes manchas territoriais, deixou-nos aí vestígios da sua presença longínqua.

São disso exemplos, no actual território continental português, os vários materiais museológicos do Rinoceronte estudado em 1983 e, que é datado de cerca de 20 milhões de anos.

Extinto na Europa, estes vestígios encontrados em arceiros de Lisboa, precedem, assim, num grande hiato de tempo, o Rinoceronte enviado pelo Rei de Cambrata, no sudoeste da Índia, ao Rei D. Manuel de Portugal, no séc. XVI.

Tiveram aquelas existências discretas, ao contrário deste, apresentado a D. Manuel, pois os Mestres Canteiros deram-lhe honras de primeira grandeza, como base duma guarita da Torre de Belem e, posteriormente, foi também celebrizado por pintores e gravadores, como Durer, sob informação trazida pelos navegadores portugueses.

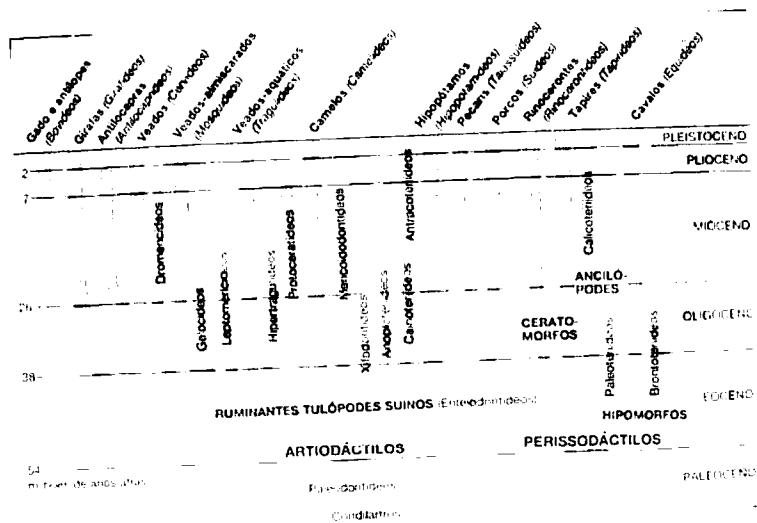
Mas, passados séculos, perseguido e abatido aqui e ali, permanece ainda a saga da sobrevivência do Rinoceronte. Até quando?



01 Mapa

Localização do Rinoceronte

Os Perissodáctilos começaram a sua diversificação no princípio do Eoceno, no hemisfério norte, há cinquenta e quatro milhões de anos, período em que a África se encontrava separada da Eurásia e a América do Norte isolada da América do Sul, embora fosse possível uma troca limitada de animais entre os continentes setentrionais.



02 - A Evolução dos Ungulados

Mamíferos Ungulados e Lagomorfos, Animais de Todo o Mundo, Círculo de Leitores, 1989, pag. 24

Durante o *Eoceno* (cinquenta e quatro a trinta e oito milhões de anos atrás), os primeiros mamíferos com cascos, que vinham da era secundária e do Paleoceno, evoluíram rapidamente para ocupar a grande variedade de nichos ecológicos disponíveis. Os perissodáctilos e os artiodáctilos apareceram simultaneamente na Europa e na América do Norte, mas os primeiros predominavam então.

Mamíferos Ungulados e Lagomorfos, Animais de Todo o Mundo, Círculo de Leitores, 1989, pag. 24.



03 - Mamíferos Ungulados do Eoceno

03.1 - Hyrachyus, um pequeno Rinoceronte "corredor".

03.2 - Amyndontopsis, um Rinoceronte semiaquático.

O Oligoceno (trinta e oito a vinte e seis milhões de anos atrás), foi um período de grandes mudanças no clima e na fauna do mundo. O primeiro tornou-se mais frio, com uma cúpula de gelo no Pólo Sul e, o nível das mares a baixar por toda a parte, sendo as densas florestas das terras substituídas por bosques mais abertos. Neste ambiente de mudança, muitos mamíferos desapareceram, ao mesmo tempo que surgiam os antepassados das formas actuais.

A predominância dos perissodáctilos começou a desvanecer-se, com os artiodáctilos a desenvolverem-se em tamanho e diversidade. No entanto, alguns daqueles também aumentaram de tamanho, como os cavalos, os brontoteros e os gigantes Rinocerontes sem corno da Ásia, como o Indricotério. Entre os artiodáctilos, encontravam-se os primeiros ruminantes, animais como o pequeno Mericoidodonte.

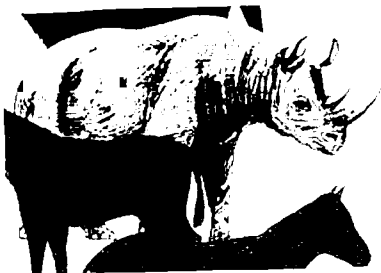
Mamíferos Ungulados e Lagomorfos, Animais de Todo o Mundo, Círculo de Leitores, 1989, pag. 25.



04 - Mamíferos Ungulados do Oligoceno

04.1 - Indricotério, um gigantesco Rinoceronte sem corno.

04.2 - Hircodonte, um Rinoceronte com três dedos em cada pata.



05 — Mamíferos Ungulados do Mioceno.

05.1 — Telocero, um Rinoceronte anfíbio parecido com um hipopotamo.

Todos os grupos actuais de mamíferos com cascos evoluíram durante o Mioceno (há vinte e seis milhões de anos), e a época seguinte, com os artiodáctilos mais numerosos do que os perissodáctilos.

Mamíferos Ungulados e Lagomorfos, Animais de Todo o Mundo, Círculo de Leitores, 1989, pag. 26

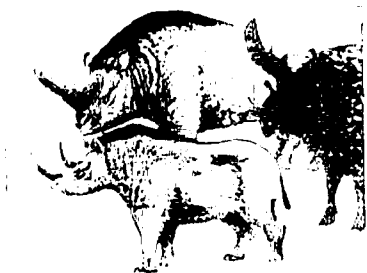


06 — Mamíferos Ungulados do Plioceno.

06.1 — Dicerorhino, pequeno Rinoceronte de longas patas.

O Plioceno (sete a dois milhões de anos atrás), viu a aparição das primeiras grandes planícies cobertas de erva, dominadas por grandes manadas de antílopes, mastodóntes (ungulados primitivos) e cavalos com três dedos em cada pata.

Mamíferos Ungulados e Lagomorfos, Animais de Todo o Mundo, Círculo de Leitores, 1989, pag. 27



07 — Mamíferos Ungulados do Pleistoceno.

07.1 — Celodonte, Rinoceronte peludo.

07.2 — Elasmotério, Rinoceronte gigante com enorme corno.

O Pleistoceno, que começou há cerca de dois milhões de anos, foi o período de glaciação no hemisfério norte. Muitas formas de mamíferos começaram a apresentar gigantismos.

Mamíferos Ungulados e Lagomorfos, Animais de Todo o Mundo, Círculo de Leitores, 1989, págs. 28 e 29

08 — Rinoceronte em Arte Rupestre.

08.1 — Argélia.

Distribuição dos testemunhos rupestres da cultura dos Caçadores do Nilo e do Sahara, antes da desertificação do continente africano. O Período Bubalino está bem representado por Rinocerontes, Elefantes, Camiões Selvagens, Antílopes e Mochos.

08.1.1 — Estação XXVIII.

O Rinoceronte exhibe um longo corno anterior, muito estreito na base.



08.1.2 — Estação XXXII.

Rinocerontes, traço polido com alguns traços de piquetagem.

Caçador, piquetagem fina e regular. O Homem segura um arco curto e simples, e dirige-se para o Rinoceronte.



08.1.3 — Estação L.

Rinoceronte com corno anterior e posterior.

Período Bubalino encontrado no Oásis de Djerat.

Les Gravures Rupestres de l'Oued Djerat (Tassili n'Ajjer), Henri Lhote, Tome I et II, Vol. XXV, Mémoires du Centre de Recherches Anthropologiques et Ethnographiques, Alger, 1975, pages 431, 511, 831.





08.2 — Botswana

Rinocerontes.
Pintura Rupestre em Tso-
dilo Hills, Botswana.

Rhino, Daryl e Sharna Balfour,
Straik, Cape Town, 1994, pág.
121.



08.3 — Zimbabwe

Rinoceronte e Homens.

Perseguição do animal, representado
em grande mancha de tinta (significado
mágico -- religioso?).

Pintura Rupestre em Chibi, Zimbabwe.

Comp.: 1800 mm.

The Rhino and Elephant Journal, Vol. 3 January.
The Rhino and Elephant Foundation, 1990, pag.
26.

09 -- O primeiro rinoceronte que, em tempos modernos, se sabe ter vindo para a Europa foi o espécime oferecido pelo Sultão de Cambaia ao Rei D. Manuel I. Grangeou fama, tendo sido alvo da curiosidade geral, e, em particular, de reis, de artistas como A. Durer e do Papa, a quem foi oferecido. Fama comparável não a tiveram rinocerontes que, muito antes, habitaram as regiões europeias desde o período Oligocénico, há cerca de 35 milhões de anos. Então, representantes do grupo dos rinocerontes imigraram a partir da Ásia, onde já existiam, tal como na América do Norte. Abundaram, no decurso dos tempos, em contraste com a situação actual, com apenas cinco espécies ameaçadas de extinção. Em Portugal, e na região de Lisboa em especial, foram encontrados restos de várias espécies de rinocerontes, dos quais mostramos alguns exemplares.



Alt. — 92 mm
Comp. — 165 mm
Larg. — 53 mm
Alt. — 160 mm
Comp. — 45 mm
Larg. — 42 mm

Col. Part.

Reprodução e Pintura de Palato (molde) por Adolfo Silveira e Alberto Tavares.



Alt. — 100 mm
Comp. — 500 mm
Larg. — 250 mm

Col. Part.

09.1 — Rhinoceros (*Ceratorhinus?*) *Tagicus*

Palato (molde) com dentes do rinoceronte anão, descrito por F. Roman em 1907 sob o nome de *Rhinoceros* (*Ceratorhinus?*) *tagicus*, espécie que o autor considerou nova para a Ciência. Apareceu num antigo barreiro situado na Horta das Tripas, aproximadamente entre o liceu Camões e o Forum Picoas, em argilas do Miocénico inferior, com cerca de 20 milhões de anos. O tamanho não excederia o de um porco.

09.2 — *Aceratherium AC. platyodon*

Palato com dentes de rinoceronte sem cornos do género *Aceratherium* — *Ac. platyodon* descoberto no antigo areiro da Quinta do Narigão, a Oeste da Avenida Gago Coutinho, em Lisboa. Provém de areias ainda do Miocénico inferior, com 17 milhões de anos, aproximadamente.

Metade esquerda de mandíbula com dentes do *Aceratherium platyodon*. Proveniência: areiro do Vale Pequeno, à Charneca do Lumiar, com 17 milhões de anos aproximadamente



09.3 — *Aceratherium platyodon*

Alt. — 35 mm
Comp. — 338 mm
Larg. — 190 mm

Col. Part.

09.4 — *Gaindatherium* (*Iberotherium*) *rexmanueli*

Um pouco mais tarde, no final do Miocénico inferior, cerca de 16 milhões de anos, chegou outra espécie de rinoceronte, talvez de origem asiática, descrito por M. T. Antunes & L. Ginsburg em 1983 sob o nome de *Gaindatherium* (*Iberotherium*) *rexmanueli* — em lembrança de D. Manuel. Estão representados por exemplares recolhidos na Quinta das Pedreiras, ao Lumiar: um conjunto de dentes superiores e a metade esquerda de uma mandíbula.



09.4.1 — Conjunto de dentes superiores de *Gaidatherium (Iberotherium) rexmanueli*. Descrito por M. T. Antunes & L. Ginsburg em 1983.

Alt. — 90 mm.
Comp. — 97 mm.
Larg. — 45 mm.
Alt. — 75 mm.
Comp. — 154 mm.
Larg. — 80 mm.

Col. Part.

Produção de bases e pintura para conjunto de dentes por Adolfo Silveira e Alberto Tavares.



09.4.2 — Metade esquerda de uma Mandíbula de *Gaidatherium (Iberotherium) rexmanueli*. Descrito por M. T. Antunes & L. Ginsburg em 1983.

Alt. — 115 mm.
Comp. — 350 mm.
Larg. — 112 mm.

Col. Part.



09.5 — Impressões de dedos impressos de um Rinoceronte ao escorregar sobre o dejecto, que esmagou. Antigo Areeiro do Olival da Susana na Charneca do Lumiar.

Alt. — 35 mm.
Comp — 108 mm
Larg. — 90 mm.

A par de ossos e dentes, ha outros vestigios de mamíferos: excrementos fossilizados ou coprólitos. Um exemplar da Quinta das Pedreiras, ao Lumiar, pode ser de rinoceronte. Outro, datado do início do Miocénico médio (15 milhões de anos), proveniente do antigo areeiro do Olival da Susana na Charneca do Lumiar, foi pisado, provavelmente por um rinoceronte: observam-se as impressões de dedos, impressos ao escorregarem sobre o dejecto, que esmagaram.



09.5.1 — Excrementos fossilizados ou coprólitos.

φ — 45 mm.
Alt. — 75 mm.
Col. Part.



09.6 — Osso do Calcânhar
— dicerorhinus

Alt. — 69 mm
Comp. — 48 mm
Larg. — 90 mm

Col. Part.

Os rinocerontes perduraram até muito mais tarde, nas nossas regiões. No Quaternário português têm sido encontrados vestígios de uma só espécie de rinoceronte, *Dicerorhinus hemitoechus*, que perdurou até ao Paleolítico superior. Calcâneo de um indivíduo jovem, associado a um dente de veado (*Cervus elaphus*), ambos representando restos de comida de homens que habitaram a Gruta da Figueira Brava (Arrábida) há uns 30 mil anos.

Os Rinocerontes do Mioceno de Lisboa - Sistemático, Ecologia, Paleobiogeografia, Valor Estratigráfico, Livro

M. L. Antunes e L. Ginsburg

Centro de Estratigrafia e Paleobiologia, Universidade Nova de Lisboa, 1983.

10 - Os Rinocerontes do Mioceno de Lisboa-Sistemático, Ecologia, Paleobiogeografia, Valor Estratigráfico, Livro.

M. L. Antunes e L. Ginsburg,
Centro de Estratigrafia e Paleobiologia, Universidade Nova de Lisboa, 1983.



NÚCLEO V A PERSISTÊNCIA DO MITO

Desde a mais remota Antiguidade chegam-nos relatos acerca de um animal fantástico, ao qual se atribuem poderes fabulosos — o Unicórnio. Este animal, cujas descrições são das mais dispares, simbolizava para muitas culturas a virtude e a ira divina. Particularmente, ao seu corno eram atribuídos, entre outros poderes, o de prevenção da peste e dos venenos, convulsões, leucemia e epilepsia, mas o mais importante seria o poder afrodisíaco, servindo como panaceia contra a impotência sexual.

Com aquele mesmo corno fabricavam-se taças de libação e punhos de adagas, de valor tão elevado que somente podiam ser utilizados por reis e príncipes.

A dada altura e, igualmente a partir de antigos relatos, começamo-nos a aperceber que todos estes poderes são também atribuídos ao rinoceronte, no Oriente também chamado Unicórnio.

Seria o fantástico unicórnio na realidade um rinoceronte?



01 — Unicórnio e Animais Fabulosos.

Ilustração de Viagens de Odoário de Bordenone.
Livre des Merveilles, Dinis do séc. XIV

Bibliothèque Nationale, Paris

Fot. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses



02 — Unicórnio e Animais Fantásticos.

Iluminação sobre a Etiópia segundo Charles d'Angoulême, em *Les Secrets de l'Histoire Naturelle* (...), c. 1489.
Tradução Francesa da obra de Solino.
Collectanea Reperi Memorabilia.

Bibliothèque Nationale, Paris.

F. I. Comissão Nacional para a Comunicação e Defesa do Património Português.

- 03 “(...) Tem a forma de um ónagro, ou burro selvagem, a cabeça cor de púrpura, os olhos azuis escuros, com um longo corno que se eleva do meio do seu focinho. Este corno é escarlate na parte superior, negro ao meio e branco na base (...)”.

Clelia, Índica, Cap. XXV.

- 04 - O Unicórnio no Antigo Testamento.

“Porém tu exaltarás o meu poder, como o do Unicórnio; serei ungido com óleo fresco”.

Salmo 92: 10

“Ele os faz saltar como um bezerro; ao libano e síria, como novos unicórnios”.

Salmo 29:6

“Querer-te a servir o Unicórnio? Ou ficará na tua cavalaria”.

“Ou amarrarás o Unicórnio ao rego com uma corda? ou estorroará após ti os vales”.

Job, 39: 9-10.

A Bíblia Sagrada. O Velho e o Novo Testamento.
Traduzida em Português por João Ferreira d'Almeida.
Edição Revista 1900.

- 05 “(...) Este rinocerote tem um chifre sobre o focinho, é inimigo do elefante e, tendo que combater com ele, aguçá o chifre numa pedra procurando no combate feri-lo na barriga, por ser a parte mais vulnerável do elefante; é tamanho como um elefante, mas tem as pernas mais curtas e a cor semelhante à do buxo (...)”.

Plínio, História Natural.

- 06 — "(...) Existem também panteras fortíssimas e rinocerontes que (como diz Artemidoro) em pouco são excedidos pelos elefantes quanto ao comprimento; coisa que ele afirma ter visto em Alexandria a respeito também da altura. A cor daquele que vimos não era semelhante à do buxo mas à do elefante. Tinha a corpulência dum touro e a forma aproximada dum javali, principalmente no focinho, exceptuando todavia o nariz que é recurvado por um corno mais duro que um osso, dele se serve como arma tal qual o javali se serve dos dentes. Tem ainda duas pregas, desde o dorso até o ventre, como roscas de serpentes, uma próximo da nuca, outra na região lombar. Nós dizemos isto porque o vimos, mas Artemidoro acrescenta ainda que este animal luta com o elefante, por causa do pasto, e que metendo-lhe por baixo o focinho lhe rasga o ventre a não ser que, por meio de tromba ou com os dentes, seja antes derrubado pelo elefante (...)"

Estrabão.

A Fronteira da Costa, Deambulações da Ganda de Modafar, rei de Cambata, de 1514 a 1516. Divisão de Publicações e Biblioteca, Agência Geral das Colónias, Lisboa 1957.

- 07 — "(...) O rinoceronte tem dois cornos e não um só, um sobre o nariz, bastante grande, de cor negra e grossura e comprimento como um de um búfalo, sem ser oco por dentro, nem torcido, mas bem sólido e muito pesado, o outro sai do cimo das suas espáduas, bem pequeno mas muito aguçado (...)"

Plínio.

A História da Guerra de Nípolice e da Canthar. M. J. J. Cambata. História da Fronteira da Costa, Divisão de Publicações e Biblioteca, Agência Geral das Colónias, Lisboa 1953.

08 — Corno de Rinoceronte

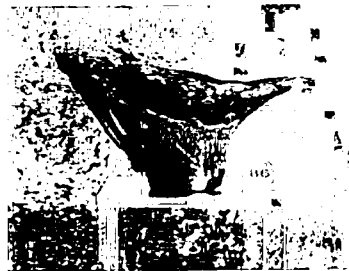
Centro de Zoologia, Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa



09 — Taça de libação em corno de Rinoceronte

Sec. XVI

Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa

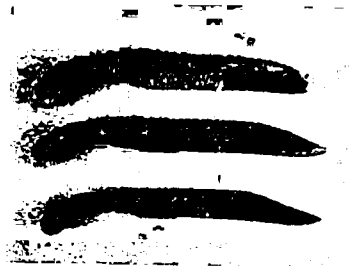


10 — Taça de libação em corno de Rinoceronte montada em filigrana de ouro e rubis

Sec. XVI

Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa





11 — Adagas Luso-Singalesas com cabo em corno de rinoceronte.

Séc. XVI - XVIII

Comp. 270 mm.

Comp. 280 mm.

Comp. 285 mm.

Col. Part.



12 — Taça de libação em corno de Rinoceronte.

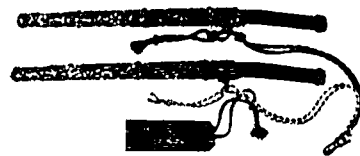
Colecção de Camilo Pessanha.

Museu Nacional Machado de Castro, Coimbra.

13 — Taça de libação em corno de Rinoceronte.

Shōshōin Treasure House, Nara-shū,

Japão.



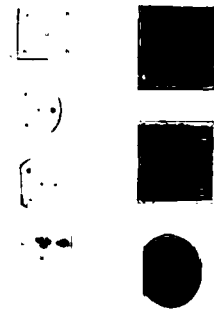
14 — Sabres com cabos em corno de Rinoceronte.

Shōshōin Treasure House, Nara-shū,
Japão.



15 — Nvori (objecto de culto Imperial Japonês) em corno de Rinoceronte.

Shōshōin Treasure House,
Nara-shū,
Japão.



16 — Flicas de cinturio em corno de Rinoceronte.

Shōshōin Treasure House,
Nara-shū,
Japão.



17 - Shen Nong - O Divino Agricultor.

Também conhecido por Imperador Terrestre ou Lin Ta (o Primeiro Rei) é uma figura mais ou menos lendária que se perde no longínquo Neolítico Chinês. Historicamente teria sido o segundo monarca da China, tendo vivido na primeira dinastia (Hsia - c. 2000 AC) cujos vestígios só há poucos anos parece terem sido exumados na China em estações arqueológicas recentes.

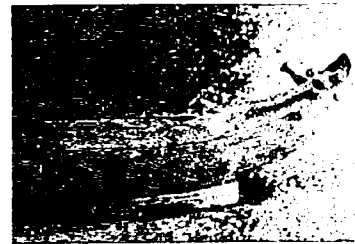
Atribui-se a Shen Nong a invenção da charrua e de outras alfaias bem como a técnica de produção agrícola. Escolhia as sementes e procurava no ambiente os vegetais próprios para a alimentação humana, estudando a melhor forma de os reproduzir. Conta a lenda que com a ponta da língua conseguia distinguir as plantas venenosas das que o não eram, logrando, também destruir 70 plantas venenosas diferentes num só dia.

Classificou 365 espécies de plantas medicinais e elaborou um herbario destinado aos vingueiros registando, também, alguns medicamentos de origem animal. Entre estes últimos conta-se o chifre de rinoceronte.

A enciclopédia medicamentosa que é atribuída a Shen Nong só chegou aos nossos dias, através da compilação e reprodução que os médicos chineses se preocuparam em manter e a legar aos seus vingueiros.

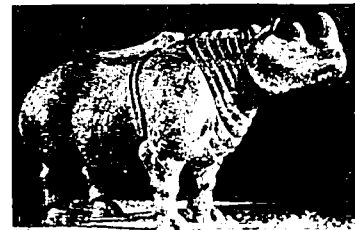
- 18 - Tsun, vaso para vinho, em bronze com a forma de corno de rinoceronte.

Dinastia Chin, 221-207 AC
Shensi, China

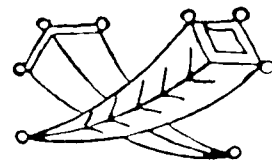


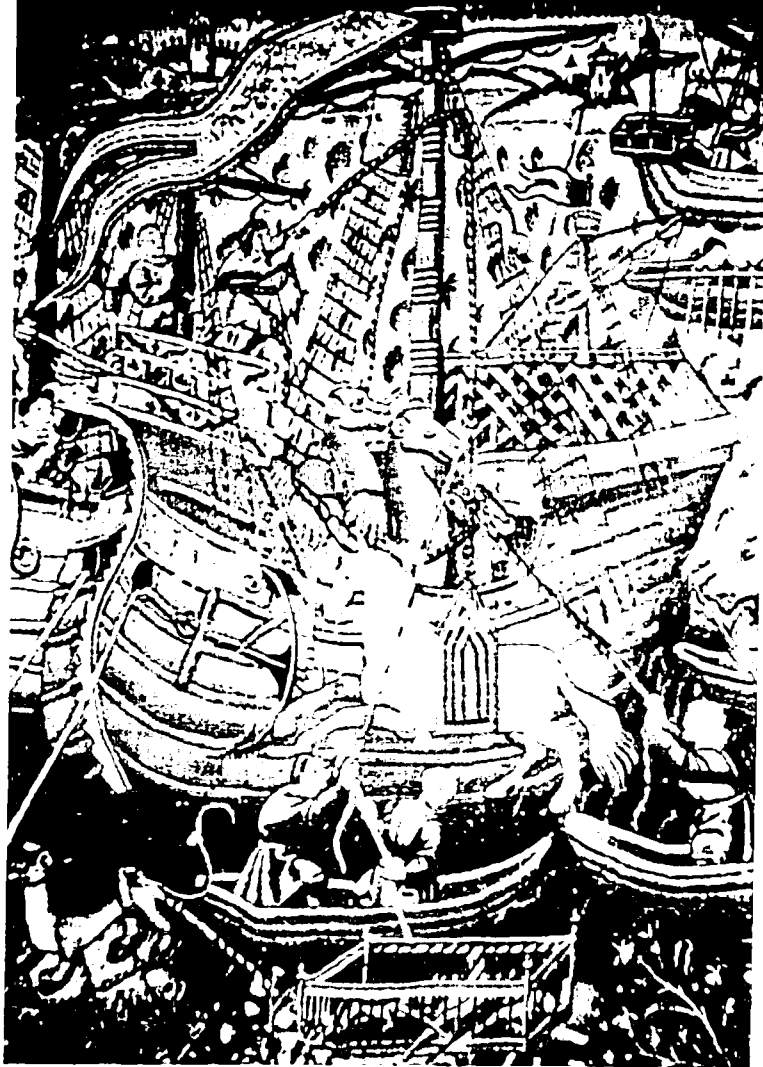
- 19 - Kung, vaso para vinho, em bronze com a forma de rinoceronte.

Dinastia Shang, Sec. XVI - XI AC
Shensi, China



- 20 - Símbolo da Felicidade: Par de taças cruzadas em corno de rinoceronte. Um dos oito objectos preciosos da cultura chinesa.





21 Unicornio numa tapeçaria que representa a chegada de Vasco da Gama a Lisboa

Esta tapeçaria de Tournai, tradicionalmente, chamada "Chegada de Vasco da Gama a Calicute", parece nos, na realidade, representar a sua chegada a Lisboa, pois nela podemos ver o desembarque de vários animais exóticos, entre os quais, um unicórnio. Não será este unicórnio o famoso rinoceronte que desembarcou em Lisboa?

Tapeçaria em laço de Tournai, século XVI
Museu do Castelo

Proj. do Banco Nacional Ultramarino

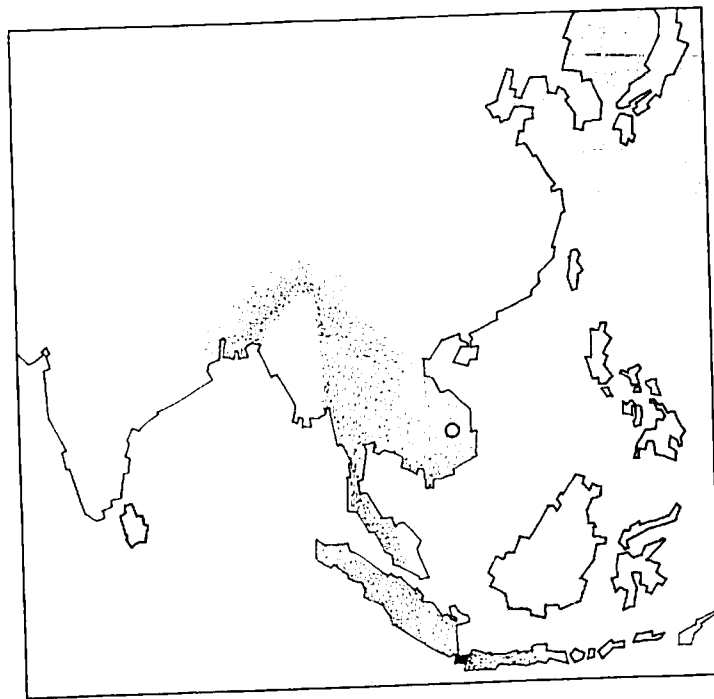


NÚCLEO VI O RINOCERONTE NO MUNDO




Vêm se levantando, nas últimas décadas, um pouco por todo o mundo, vozes críticas contra o abate indiscriminado e furtivo de Rinocerontes. A tentação do consumo, sobretudo do corno deste pesado paquiderme, continua a levar à violação das leis da sua conservação.

Combate este desigual entre o Homem que teme e contraria a extinção desta fauna, e o outro que, continua a usar a Natureza ao serviço da Cultura duma forma irresponsável.

No caso concreto desta Exposição, que desejamos pontual e interviniente, é o próprio Rinoceronte quinhentista da Torre que nos guia, na sua mudez de pedra e nos conta a história dos seus "parentes" já extintos e, daqueles outros que tenham em permanecer no tempo.



DISTRIBUIÇÃO DO "RINOCERONTE DE SONDA"

- Rhinoceros sondaicus
(Rinoceronte de Java).
-  Distribuição anterior (1850).
-  Distribuição actual.
-  Relatório não confirmado.



Rhinoceros sondaicus

Fotografia de Eugen Schülmacher

África do Sul

Parque Nacional da Ujung Kulon, Java

INTEGRAÇÃO DOS RINOCERONTES ACTUAIS NA SISTEMÁTICA ZOOLOGICA

ORDEM PERISSODACTYLA:

Ungulados não ruminantes, com um número ímpar de dedos: um ou três.
O peso do corpo não é suportado por dois dedos mas sim, principalmente ou inteiramente, pelo do meio.

Família RHINOCEROTIDAE:

Perissodáctilos de grande corpulência, com três dedos. As órbitas não são circundadas por um anel ósseo. Incisivos relativamente simples. Caninos ausentes. Um ou dois cornos presentes no chanfro. Pele habitualmente glabra e espessa.

Quatro generos a considerar:

1 - Género RHINOCEROS Linnaeus, 1758

Com apenas um corno. Dois incisivos presentes na maxila superior e quatro na maxila inferior. Quatro pré-molares e quatro molares em cada maxila. Pele dividida em escudos por profundas pregas.
Com duas espécies:

1.1 - *Rhinoceros sondaicus* Desmarest, 1822

1.2 - *Rhinoceros unicornis* Linnaeus, 1758.

1.1 - *Rhinoceros sondaicus* Desmarest, 1822.

Pequeno rinoceronte unicorneo, habitualmente conhecido por "rinoceronte de Java", porém, com mais propriedade, por "rinoceronte de Sonda". Coroas dentárias pouco salientes. Pele de aparência escamosa.

Distribuição geográfica: Algumas ilhas do arquipélago de Sonda, sobretudo Java, bem como possivelmente na Birmânia, Tailândia, e Indochina.

Rhinoceros sondaicus

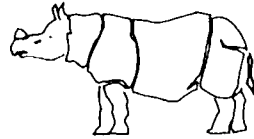
Descrição Zoológica: *Rhinoceros sondaicus*

CARACTERÍSTICAS (adulto)

- Medidas: comp. = 3,5 m.
altura = 1,35 a 1,80 m.
- Peso: 1000 kg - 1500 kg.
- Cabeça: linha superior côncava.
- Cornos: um corno nasal
bastante pequeno.
- Dentição: tem incisivos
- Labio Superior: tipo preënsil
- Orelhas: cobertas por pêlos pequenos
- Pele: nua, dividida em placas
- Diferença Sexual: as fêmeas têm cornos mais pequenos e
por vezes apresentam-se sem cornos.
- Fêmea: sem dados
- Longevidade: sem dados.

Etologia do *Rhinoceros sondaicus*

- Alimentação: folhagens e rebentos.
- Hábitos: Passam períodos semi-submersos em lama.
- Territórios: Inexistência de formação territorial com
estrume, mas marcada com jatos de urina.



Rhinoceros sondaicus

Bornéia

Fotografia de Bill Johnston
África do Sul



Rhinoceros sondaicus.

Bornéia

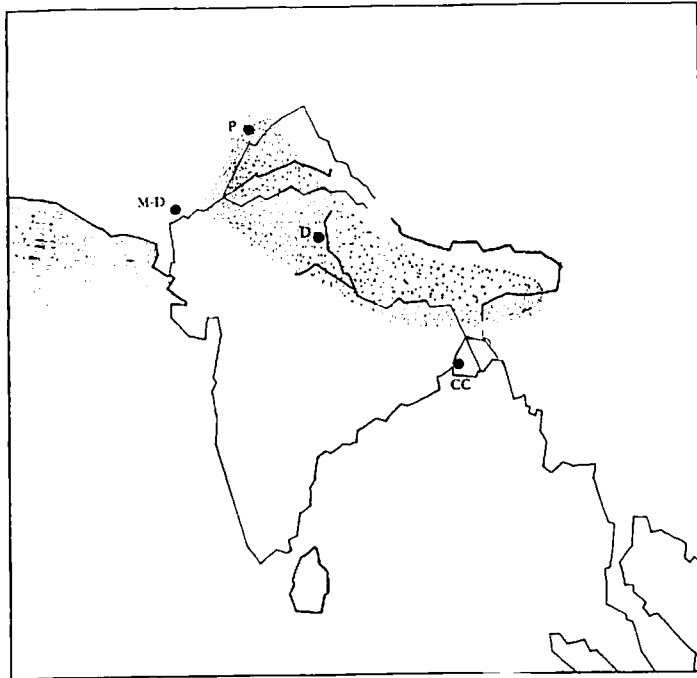
Fotografia de Eugen Schindmacher
África do Sul
Parque Nacional de
Ujung Kulon, Java



Rhinoceros sondaicus.

Fotografia de Bill Johnston
África do Sul.





DISTRIBUIÇÃO DO "RINOCERONTE INDIANO"

Rhinoceros unicornis
(Rinoceronte Indiano)



Distribuição da época de Babu (1520)



Distribuição actual.

M. D. Mohenjo Daro

P. Peshawar

D. Delhi

CC. Calcutá

Rhinoceros unicornis.

Fotografia de B. Thapa.
África do Sul.



1.3 — Rhinoceros unicornis Linnaeus, 1758

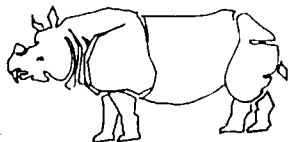
Grande rinoceronte unicórnico, conhecido por "rinoceronte indiano". Co-
rnos dentários bastante salientes. Pele revestida por tubérculos.
Distribuição geográfica: Índia, Assam, Nepal.

Rhinoceros unicornis

Descrição Zoológica — Rhinoceros unicornis

CARACTERÍSTICAS (adulto)

- Medidas..... comp. — 3,68 a 3,8 m.
altura — 1,70 a 1,80 m.
- Peso..... 2,200 kg
- Cabeça..... linha superior côncava.
- Cornos..... 50 — — 1,10 m.
- Dentição..... Possuem incisivos.
- Lábio Superior..... Tipo préensil.
- Orelhas..... cobertas por pelos
pequenos.
- Pele..... cinzenta, sem pelos, dividida por placas
com saliências epidérmicas.
- Dimorfismo Sexual..... as fêmeas são mais claras.
- Juvenis..... gestação de 16 meses.
- Fêmea..... 1 cria de cada vez.
Intervalos entre os partos de 22 meses.
1º ciclo sexual - 5 anos.
1ª cria — 6-8 anos.
- Longevidade..... 45 anos.



Etologia do Rhinoceros unicornis

- Alimentação..... Ervas altas e folhagem de arbustos.
- Hábitos..... Solitário e Insociável, além das relações da
mãe com a cria.
- Território..... Inexistência de formação territorial.
Avisa os outros da sua presença com
estrupe.
- Ataca de boca aberta, com as presas nos
incisivos inferiores.
- Acasalamento..... Lutas entre machos e fêmeas.
Prolongadas e barulhentas perseguições
- Habitat..... Inundáveis.
Vegetação muito densa.



Rhinoceros unicornis.

Fotografia de J. Van Grusen,

África do Sul.

Parque Nacional Chitawan, Nepal.



Rhinoceros unicornis.

Parque Natural em Kathmandu,
Nepal.

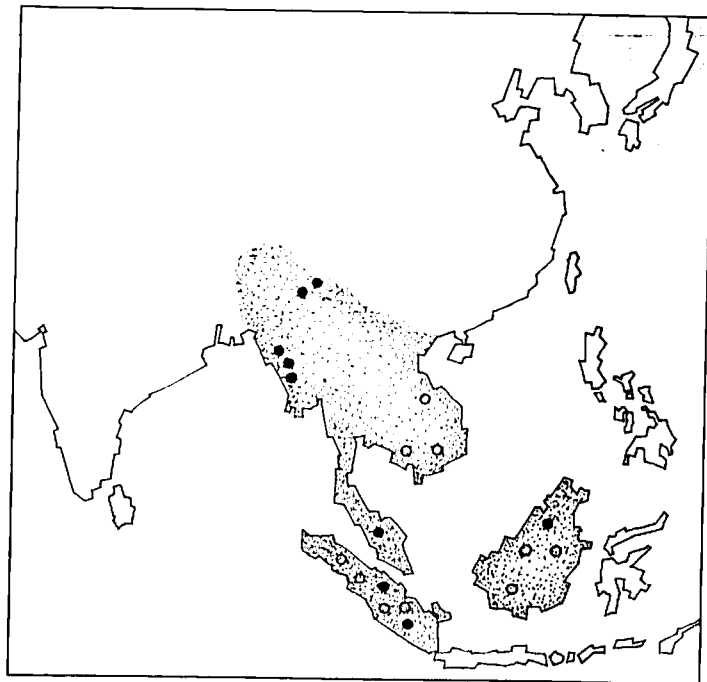


Rhinoceros unicornis.

Fotografia de Gerald Collett.


África do Sul


Parque Nacional de Chitawan, Nepal.




DISTRIBUIÇÃO DO "RINOCERONTE DE SUMATRA"

Dicerorhinus sumatrensis
(Rinoceronte de Sumatra).

 Distribuição anterior (1850).

 Distribuição actual.

 Relatório não confirmado

Dicerorhinus sumatrensis
Pomenor

Fotografia de Gerald Cubitt,
África do Sul.

Reserva Tabin - Borneo (Norte)



2 - Género DICERORHINUS Gloger, 1841

Com dois cornos. Dois incisivos na maxila superior e dois na maxila inferior. Coroas dentárias pouco salientes.
Com apenas uma espécie:

2.1 — *Dicerorhinus sumatrensis* G. Fischer, 1814

Rinoceronte asiático bicórneo, conhecido por "rinoceronte de Sumatra".

É o mais pequeno de todos os rinocerontes. Pele pilosa na juventude.
Com duas subespécies:

2.1.1 — *Dicerorhinus sumatrensis* G. Fischer, 1814

Com as orelhas desnudadas

Distribuição geográfica: Sumatra e Borneo.

2.1.2 — *Dicerorhinus sumatrensis lasiotis* Breckland, 1872

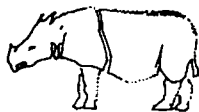
Com as orelhas peludas.

Distribuição geográfica: Malásia, Birmânia, Tailândia e Indochina.

Descrição Zoológica — *Dicerorhinus sumatrensis*

CARACTERÍSTICAS (adulto)

- Medidas..... comp. — 2,5 a 3,15 m
altura — até 1,38 m.
- Peso..... Até 800 kg.
- Cabeça..... Parte anterior alongada até ao olho.
- Cornos..... anterior — até 38 cm. (2 cornos, 1 dos quais pouco visível).
- Dentição..... Têm incisivos, e os caninos estão modificados para o combate.
- Labio Superior..... Zona anterior e lateral até ao corno nasal keratinizado.
- Orelhas..... Escondidas por pelos longos.
- Pele..... Cinzenta com pelos compridos e muito esparsos.
- Diformismo Sexual..... Não há dados conhecidos.
- Juvenis..... Gestação 7 a 8 meses.
- Longevidade..... 32 anos.



Etologia do *Dicerorhinus sumatrensis*

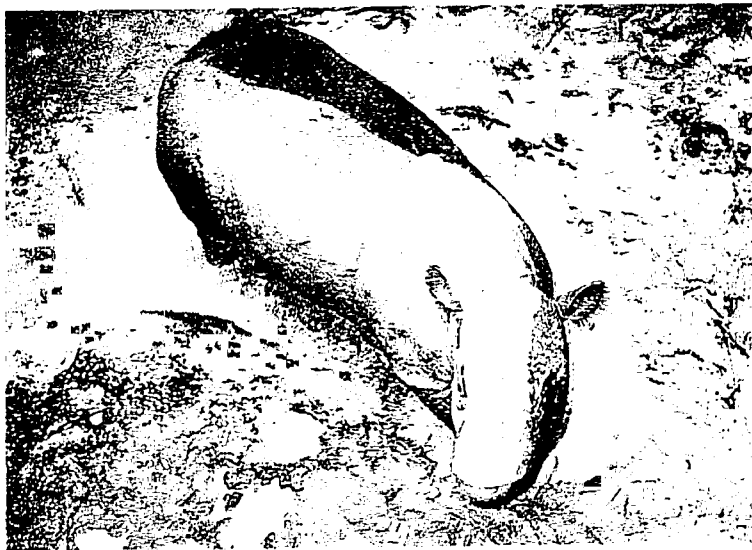
- Alimentação..... Folhagens e rebentos.
- Habitat..... Floresta Tropical.
Bebem diariamente em pequenas poças ou rios.
- Território..... O macho ataca de boca aberta com os caninos inferiores.
- Acasalamento..... Lutas entre machos e fêmeas.
Prolongadas e barulhentas perseguições.
- Hábitos..... Secreto e Insociável.



Dicerorhinus sumatrensis

Fotografia de Gerald Cubitt
África do Sul

Reserva Tabin - Borneo (Norte)



Dicerorhinus sumatrensis

Fotografia de Gerald Cubitt.
África do Sul

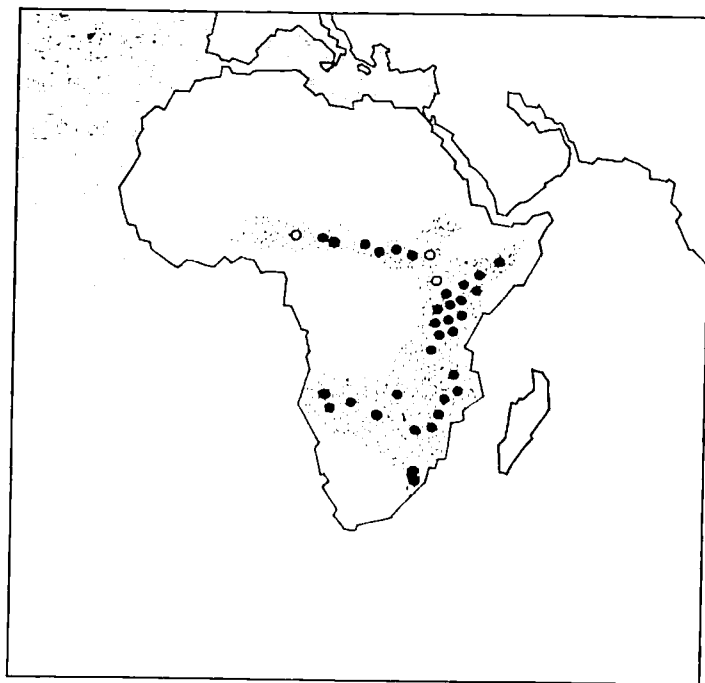
Reserva Tabin - Borneo (Noite)



Dicerorhinus sumatrensis

Fotografia de Gerald Cubitt.
África do sul

Reserva Tabin - Borneo (Noite)



DISTRIBUIÇÃO DO "RINOCERONTE DE LINEU"

Diceros bicornis

(Rinoceronte de Lineu).



Distribuição anterior (c. 1850).



Distribuição actual.



Relatório não confirmado



3 — Género DICEROS Gray, 1821

Com dois cornos, de base circular. Lábio superior preênsil. Sem dentes incisivos. Quatro pré-molares e três molares em cada maxila. Coroa dentária pouco salientes. Sem giba nucal. ImproPRIAMENTE designado por "rinoceronte preto". Preferível designá-lo por "rinoceronte de Lineu".

Com apenas uma espécie.

3.1 — *Diceros bicornis* Linnaeus, 1758

Com sete subespécies:

3.1.1 — *Diceros bicornis bicornis* Linnaeus, 1758

Considerada praticamente extinta.

Distribuição geográfica: Desde a zona ocidental da Província do Cabo até a região central da Namíbia.

3.1.2 — *Diceros bicornis chobiensis* Zukowsky, 1964

Distribuição geográfica: Sudeste de Angola.

3.1.3 — *Diceros bicolor minor* (Drummond, 1876)

Distribuição geográfica: Norte da Namíbia, Botswana, Zimbábue, Moçambique, Zâmbia, Malawi e Tanzânia.

3.1.4 — *Diceros bicornis michaeli* Zukowsky, 1964

Distribuição geográfica: Norte da Tanzânia, Uganda e Quênia.

3.1.5 — *Diceros bicornis brucei* (Lesson, 1842)

Distribuição geográfica: Somália e zona central do Sudão.

3.1.6 — *Diceros bicornis ladoensis* Groves, 1967

Distribuição geográfica: Norte do Quênia, Sul do Sudão e Norte do Zaire.

3.1.7 — *Diceros bicornis longipes* Zukowsky, 1949

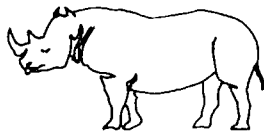
Distribuição geográfica: Chade, República Centro Africana e Norte dos Camarões.

Diceros bicornis

Descrição Zoológica — Diceros bicornis

CARACTERÍSTICAS (adulto)

- Medidas..... comp. — 2,86
a 3,05 m
Altura — 1,43
a 1,60 m.
- Peso..... 950 a 1.300
kg.
- Cabeça..... Pequena
- Cornos..... Anterior — 42
a 1,35 cm.
Posterior — 20 a 50 cm.
- Dentição..... Não possuem dentes da frente.
- Labio Superior..... Estreito, préensil.
- Orelhas..... Bastante pequenas e arredondadas,
cobertas de pêlos.
- Pele..... Cinzenta a cinzento acastanhado
e sem pêlos.
- Diformismo Sexual..... Fêmea similar ao macho, com cornos
geralmente mais longos.
- Juvenis..... Gestação de 15 meses
22 a 40 Kg. à nascença.
- Fêmea..... 1 cria de cada vez.
Intervalos entre os partos de 22 meses
1º ciclo sexual - 5 anos.
1ª crias — 5 a 7 anos.
- Longevidade..... 40 anos



Diceros bicornis

Fotografia de Darly e Sharna Balfour
África do Sul

Etologia de Diceros bicornis

- Alimentação..... Folhas e galhos.
- Habitat..... Zona com arbustos e Bosque
Serrado.
Sobrevivem 4/5 dias entre
visitas a locais para beber
- Território..... Ocupação exclusiva — Macho.
Coexistência — Fêmea.
- Acasalamento..... Macho e fêmea, procedem ao
ritual batendo com os cornos
um no outro.
- Fêmea..... As crias correm atrás das
progenitoras, cumprimen-
tam-se, nariz contra nariz.
- Hábitos..... Cobrem-se com lama, como
protecção contra as moscas.
Solitário ou em grupos
familiares, a mãe e a cria,
e, ocasionalmente, a cria mais
velha.